

Jovens e autoria: reflexões a partir de artigos de opinião finalistas das Olimpíadas de Língua Portuguesa

Young people and authorship: reflections from opinion piece produced by finalists of Portuguese Language Olympics

Fabiana Kaodoinski

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (2022), especializada em “Leitura e Produção Textual” pela Universidade de Caxias do Sul (2012), especializada em Educação; Espaços e possibilidades para a educação continuada” pelo Instituto Federal RS (2014) e especializada em Inteligência Espiritual na Universidade de Caxias do Sul. Licenciou-se em LETRAS na Universidade de Caxias do Sul (2009). Atualmente, é professora da Universidade de Caxias do Sul. Tem experiência nas seguintes áreas: Linguagem, Educação, Currículo, Ensino, Base Nacional Comum Curricular, Leitura, Escrita, literatura juvenil. Email: fkaodoin@ucs.br

Luciane Todeschini Ferreira

Professora titular da Universidade de Caxias do Sul. Doutora em Letras (Estudos da Linguagem - Linguística Aplicada) pela UFRGS; Mestre em Comunicação e Semiótica (PUCSP); Especialista em Linguística (PUCRS) e graduada em Letras (UCS). Faz parte do Núcleo de Pesquisa – Desenvolvimento Humano e Social, Linguagem e Processos Educacionais e do grupo Observatório de Leitura e Literatura – OLLI. Desenvolve estudos na área de hospitalidade e ensino de LP. Email: lferreir@ucs.br

Flávia Brocchetto Ramos

Pesquisadora CNPq. Doutora em Letras, ênfase em Teoria da Literatura pela PUCRS. Graduada em Letras e em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul. Atua como professora e pesquisadora na UCS, nos programas de Pós-graduação em Educação e em Letras e nos cursos de graduação em Biblioteconomia, Pedagogia e Letras. Líder do grupo de pesquisa Observatório de leitura e de literatura – OLLI. Email ramos.fb@gmail.com

Resumo

Este artigo, de caráter ensaístico, busca refletir sobre autoria e protagonismos das juventudes, a partir da análise de traços de autoria (POSSENTI, 2002 e BAKHTIN, 1986) em artigos de opinião produzidos por estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio. Para análise, foram selecionados os seis textos finalistas da região Sul na Olimpíada de Língua Portuguesa, edição 2016. Embora se reconheça o próprio fechamento das condições de produção por se tratar de um concurso, as análises apontam para uma organização textual em que se observa uma atitude dialógica dos produtores dos artigos de opinião.

Palavras-Chave

Jovens, produção textual, autoria.

Abstract

This article, that has an essayistic nature, intends to reflect on authorship and protagonism of youths, based on the analysis of authorship traits (POSSENTI, 2002 and BAKHTIN, 1986) in opinion articles produced by 2nd and 3th year of High School students. For the analysis, six texts from the finalists of the region South of the Portuguese Language Olympics, produced in 2016 edition, were selected. Although the closing of the production condition because of the fact that it is a contest, the analyzes show a textual organization in which a dialogical attitude in the opinion articles observed.

Keywords

Youth, textual production, authorship.

1 A moldura da investigação

Somos seres de linguagem. Fato inconteste. A linguagem nos molda, molda o mundo que nos cerca, mas também permite aberturas para o novo, para o desconhecido. Nessa perspectiva, podemos refletir sobre as juventudes e seus olhares para o mundo. As percepções juvenis são reveladoras de subjetividades intrigantes, questionadoras, mobilizadoras, típicas dessa fase.

São vários os espaços que as juventudes encontram para expressão de seus anseios e modos de compreensão de realidades. As redes sociais são um exemplo. Para além dessa possibilidade de interação, a escola, com seu papel formativo, também pode constituir-se em ambiente para abertura, para a coexistência de multiplicidade de pensamentos e de linguagens.

De fato, à escola caberia o papel de contribuir para a “ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens.” (BNCC, 2017, p. 471). Porém, é sabido que nem sempre essa é a realidade.

Nesse contexto, entendemos que autoria, autonomia, protagonismo surgem como conceitos-chave no processo de ensino de língua e na promoção do desenvolvimento de competências de leitura e de produção textual. E, embora se reconheçam as tentativas intencionais de a escola se constituir em ambiente de abertura para a multiplicidade de pensamento e de linguagens, são igualmente claros os desafios para que as aulas de língua portuguesa possam efetivamente constituírem-se em espaços de autoria.

Entre os inúmeros desafios, destaca-se a ainda dificuldade de professores de língua portuguesa considerarem o texto como o objeto precípua da aula. Não raro, é possível encontrar, nos mais diversos espaços, professores que concentram suas atividades no estudo da metalinguagem, como se isso fosse o cerne de uma aula de língua portuguesa.

No que tange de forma específica à produção textual e levando em consideração as juventudes, o professor, no espaço escolar, poderia, alinhando-se aos princípios estabelecidos pela BNCC, proporcionar atividades que provocassem escrita mais responsiva, tal como postulado por Bakhtin (2003, p. 301), em que “[...] o enunciado tem autor e destinatário”: uma pessoa, uma coletividade, um outro indefinido”. Nessa linha e perspectivando a escrita de textos de opinião, visando à manifestação de posicionamentos e anseios juvenis, o sujeito poderia encontrar, dentro do espaço escolar, outras possibilidades e desafios de escrita.

Assim, entre documentos oficiais (e posicionamento teóricos e pedagógicos ali expressos), formação de professores de LP (com seus avanços e recuos) e juventudes (com seus desejos, anseios e necessidades), objetiva-se refletir sobre autoria e protagonismo, a partir de textos produzidos para o concurso “Olimpíadas de Língua Portuguesa, estabelecendo relações com as orientações disponibilizadas no material “Cadernos orientativos para o professor”, no que diz respeito à construção textual a ser elaborada pelo estudante.

2 Jovens na contemporaneidade: apontamentos sobre comportamentos e escritas

Na última década, evidencia-se acentuada mudança no comportamento e nas formas de ser e de estar dos jovens e, como aponta Bernardim e Silva (2017), faz-se necessário dedicar atenção ao conceito de juventudes, mesmo que seja difícil, já que o ritmo das transformações ocorre de forma acelerada. Eles se afetam com a dinâmica do momento, materializada em um contexto global cada vez mais marcado pela incerteza, competição,

apelo à necessidade de ter em contraponto a ser.

No espaço escolar, não raro, as juventudes não veem sentido em algumas práticas educativas, muitas vezes tecnicistas ou distantes de suas realidades. Ainda há de se considerar que os professores, muitas vezes, não dialogam com os dilemas das juventudes, caracterizando uma surdez relacional, pois quando não há escuta, não há acolhimento. Como então pensar o acolhimento? Uma das perspectivas possíveis diz respeito à escuta que pode ser feita do texto produzido pelo aluno. Mas não só: há de se considerar a possibilidade de, nas aulas de língua portuguesa, desenvolver habilidades para que esse jovem encontre, dentre as alternativas, as melhores para dizer o que pretende dizer.

De fato, em relação ao eixo de produção, nem sempre a escola consegue ultrapassar a proposta de redacionalização, em que o estudante escreve para o professor de língua portuguesa, com o claro objetivo de dar conta de uma tarefa proposta em aula. Nas práticas escolares, o espaço autoral parece ser ainda interdito, consumido por exercícios pontuais de análise gramatical, mesmo que já haja estudos consistentes sobre a importância de se trazer o texto como o objeto das aulas de língua.

Geraldi (1997, p. 105) apontava que “[...] o específico da aula de português é o trabalho com textos”, pois já defendia a necessidade de dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação. Para o pesquisador, a produção de textos é “[...] o ponto de partida e de chegada de todo o processo de ensino/aprendizagem” (GERALDI, 1997, p. 135), pois, na produção, o sujeito se diz, articula-se, expressa seus pontos de vista, compromete-se com o seu dizer e com as suas formas de dizer o que diz. Nesse contexto, impõe-se o desafio de planejar e implementar práticas educativas voltadas às juventudes, que promovam a escuta e que atendam aos anseios de jovens, possibilitando espaços para autoria e protagonismos.

Considerando os múltiplos desafios, espaços/entidades unem-se aos espaços escolares, promovendo ações que contribuam para o desenvolvimento textual-discursivo dos estudantes. Nesse sentido, optamos por refletir sobre o processo de autoria das juventudes em uma dessas ações: a Olimpíada de Língua Portuguesa.

3 Olimpíada de Língua Portuguesa e Caderno orientativo

A Olimpíada de Língua Portuguesa, concurso de produção textual realizado a cada dois anos, faz parte do Programa “Escrevendo o Futuro” e resulta de parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Itaú Social, sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

O formato da ação foi se ajustando e, em 2008, ao ser firmada a parceria com o MEC, ampliou-se a abrangência das ações e dos anos escolares atendidos (incluídos o 8º e 9º anos, bem como os 2º e 3º anos do Ensino Médio (ESCREVENDO O FUTURO, 2022). Atualmente, as Olimpíadas apresentam a seguinte configuração, em se tratando de gêneros a serem produzidos em sua correlação com os anos da Educação Básica: gênero poema, no 5º ano do Ensino Fundamental; memórias literárias, nos 6º e 7º anos; crônicas, nos 8º e 9º anos; documentário, nos 1º e 2º ano do Ensino Médio e, por fim, artigo de opinião, no 3º ano do Ensino Médio¹. Além dos gêneros, os temas para a produção textual também são pré-definidos, mas geralmente voltam-se para cenas do cotidiano e para lugares em que as pessoas vivem.

¹ Essa é a atual distribuição dos gêneros, conforme descrito na 7ª Edição da Olimpíada, realizada em 2021. O gênero documentário foi acrescido desde a Olimpíada de 2019.

Nessa ação, quem se inscreve nas Olimpíadas são os professores e não os estudantes – embora se reconheça o caráter formativo da ação, pois os professores se comprometem a desenvolver atividades de produção textual, respeitando orientações disponibilizadas nos Cadernos orientativos, também chama atenção que os estudantes serão “obrigados” a participar do concurso.

Em uma das primeiras edições do “Caderno do Professor” (2008), no prefácio dedicado ao professor, lê-se

[...] aparentemente é apenas um concurso de textos, mas, na realidade, a Olimpíada constitui uma estratégia de mobilização que oferece aos professores oportunidade de formação. Apostamos na ideia de que os professores possam vivenciar uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais por meio de sequências didáticas. [...] Convidamos você a mergulhar nesse material e a preparar a realização das oficinas que seguem. [...] Nessa Olimpíada, não estamos em busca de talentos; nosso propósito é contribuir para a melhoria da escrita de todos os alunos das turmas participantes. (GAGLIARDI, 2008, p. 5)

No Caderno orientativo, o professor tem acesso à sistematização metodológica para o ensino do gênero “artigo de opinião” com diferentes atividades, organizadas e desenvolvidas na modalidade oficinas que, de forma conjunta, compõem uma sequência didática, visando à qualificação da produção textual do aluno. Na edição de 2016, a temática “Do lugar de cada um o saber de todos nós”, voltava-se a reflexões e escrita sobre “o lugar onde vivo”, que, segundo os idealizadores, visava promover a “[...] interação de crianças e jovens com os seus meios”. Os organizadores entendem que, para escrever, “[...] os alunos resgatam histórias, estreitam vínculos com suas comunidades e aprofundam o conhecimento sobre seus territórios. E isso contribui para o desenvolvimento da cidadania de todos” (2016, p. 4).

O Caderno “Pontos de vista” apresenta 15 oficinas, cujos conteúdos são disponibilizados na forma de sequência didática, instrumento eleito para o ensino da produção escrita. Nas diferentes etapas, as atividades voltam-se para o desenvolvimento de habilidades específicas para o desenvolvimento da competência de produção de um artigo de opinião, numa proposta de produzir em sala de aula, mas não para a aula.

Seguindo a metodologia proposta pela sequência didática, cada oficina apresenta objetivos diferenciados que se voltam para o desenvolvimento de estratégias e/ou habilidades que se voltam para a qualificação da escrita dos estudantes. Em se tratando mais especificamente das questões de autoria, observa-se a existência de atividades (em diferentes oficinas) que se voltam para a análise de condições de produção e circulação do gênero artigo de opinião; sobre argumentação e modos de argumentar; sobre recursos linguísticos e modos de organizar; sobre vozes presentes e que se articulam no texto de opinião, entre outros aspectos.

À título de exemplificação, na Oficina 1 “Argumentar é preciso?”, as atividades propostas conduzem o estudante a distinguir fato de opinião; a identificar divergências de ponto de vista a partir do fato apresentado e a reconhecer a importância do debate na resolução de conflitos. Na oficina 02, já é proposto um debate a partir de um tema polêmico; os estudantes são desafiados a ler textos de opinião que circulam em diferentes esferas – a identificação e análise das condições de produção ganham destaque. A primeira produção individual ocorre na Oficina 5 (e nela se encontra um lembrete para o professor, pois, caso o aluno seja um dos semifinalistas, o professor precisará a primeira produção do seu aluno para o encontro regional).

Em muitas das atividades propostas, observa-se a mediação do professor, chamando a atenção do estudante para as diferentes formas de apresentação do texto de opinião,

argumentos que são empregados (a força argumentativa dos mesmos), importância do título, posicionamento claro do autor, aprofundamento do assunto e diálogo com outras posições ou opiniões.

Na última oficina, o estudante, a partir de um roteiro pré-estabelecido, analisa a sua própria produção (há uma questão polêmica?; há uma contextualização da problemática para o leitor?; há modalizadores que introduzem a opinião do estudante/escritor?; pontos de vista divergentes foram considerados?; soube empregar articuladores lógicos?; entre outros aspectos). Depois da revisão, juntamente com a turma, são selecionados os artigos a serem encaminhados para a Comissão Julgadora Escolar”. Porém, há uma orientação no Caderno para que todos os textos sejam publicados, mesmo que não sejam os selecionados para a Olimpíada.

4 Autoria

Um dos primeiros aspectos a serem levados em consideração quando se pensa em autoria, diz respeito à diferenciação entre autor e autoria. Embora a distinção já seja lugar comum em teorizações estéticas, autor refere-se à pessoa física, enquanto a autoria diz respeito à forma de se apresentar discursivamente. São várias as proposições sobre autoria, como por exemplo a de Possenti que considera como marcas de autoria: a) dar voz a outros enunciadores e (b) manter distância do seu próprio texto. Outras marcas são agregadas às já indicadas, tais como a seleção vocabular, o apelo à memória coletiva e avaliações e julgamentos.

Quando se propõe uma escrita na escola e não para a escola, ou seja, quando as atividades se voltam à produção textual e não à mera redação escolar (como anteriormente já mencionado), aposta-se na produção de discursos, em que o sujeito “comprometa-se com sua palavra” (GERALDI, 1997, p. 136) e com o seu jeito de dizer o que diz. Nas implicações desse assumir-se como locutor, tem-se um sujeito que, no processo discursivo, apresenta-se como alguém que a) tem o que dizer; b) tem razões para dizer o que diz; c) tem para quem dizer o que diz; d) constitui-se como sujeito que tem o que dizer para quem diz e e) escolhe as estratégias para dizer o que diz. (GERALDI, 1997, p. 137).

Para Bakhtin/Volochinov, “[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui-se justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte.” Ampliando suas reflexões, sustenta que “[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [...], mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1986, p. 123).

Ao discutir sobre a contribuição do conhecimento teórico para a formação de produtores autores à luz de conceitos bakhtinianos sobre “autor”, Oliveira (2006), aponta que se destacam como fundamentais no conceito de autoria, a noção de exotopia, distanciamento, criação e acabamento. Em relação à essa última noção, a do acabamento, segundo a autora:

[...] em relação ao autorar do aluno, em sala de aula, [...] ao nosso ver, deveriam ser levados em consideração os aspectos que incorporam, tanto os aspectos de organização estrutural da língua [...] assim como as propriedades enunciativas e discursivas da língua, entre as quais seriam essenciais deixar os indícios, como propõe Possenti [...] (OLIVEIRA, 2006, p. 152).

Ainda, conforme Faraco, “[...] para Bakhtin, a grande força que move o universo das

práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas interrelações responsivas” (2005, p. 38). O sujeito está sempre respondendo a um texto de um outro. Autoria, autorar é, em última instância “assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voz(es) sociais.” (FARACO, 2005, p. 56).

Dentro das perspectivas até aqui apresentadas sobre autoria, há de se refletir que, ao produzirem textos para a Olimpíada de LP, os estudantes têm diferentes locutores: o professor (que é um mediador do processo de escrita, mas que também já promove uma seleção dos textos mais adequados; comissões escolares, municipais, estaduais até a última instância, que leem com o objetivo de pontuar e selecionar os textos mais interessantes, impactantes. O interessante, nesse processo de escrita, é a existência de orientações para a produção textual: busca-se promover a autoria, mas, igualmente, apresentam-se estratégias para o seu desenvolvimento.

E é nesse espaço que se pode refletir um pouco mais sobre a autoria, já que várias vozes surgem e se entrelaçam em diferentes condições de produção. De forma ensaística, a proposta é a de refletir sobre questões de autoria, consideradas as condições de produção que vão sendo apresentadas no contexto maior da Olimpíada, considerando os textos produzidos pelos jovens nessa ciranda de vozes, que não será aprofundada, mas que se sabe existente: há a voz do Ministério da Educação, do MEC, que dá e autoriza uma outra voz (a da Fundação Itaú Social com a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)). Nessas vozes, há um claro objetivo: instrumentalizar o professor, fazer com que ele, a partir de certas orientações disponibilizadas no Caderno Orientativo, aplique as atividades propostas. Ou seja, intencionalmente há uma proposição: a de fazer com que o professor faça (proponha em aula) aquilo que, segundo essas vozes marcadas, pode auxiliar o estudante no desenvolvimento de sua produção textual. O processo é orientativo, prescritivo, até.

Ainda que não seja o cerne da discussão do presente artigo, não há como não se questionar sobre as imagens construídas desse professor de LP convidado a participar da Olimpíada, mas, ao mesmo tempo, orientado a realizar um trabalho de mediação de produção textual a partir de orientações previamente disponibilizadas e organizadas por outros agentes: ele sabe sobre o seu fazer docente, ou realmente precisa ser guiado? Ficam os questionamentos.

Fato é que, ao ser o professor a se inscrever nas Olimpíadas (é o professor que se inscreve e não o estudante), um conflito já se instaura: o desejo de dizer o que tem para dizer é genuíno? Assim não o parece, mesmo considerando que o estudante possa, ao longo do processo, ficar bastante estimulado a “autorar”.

4.1 Produções finalistas das Olimpíadas

Apresentada a organização do Caderno orientativo e feitas algumas reflexões sobre autoria e processo autoral, as reflexões recaem sobre os textos produzidos pelos estudantes: o que eles dizem quando lhes é oportunizado um momento para falar sobre algo, expressar-se sobre? Considerando que participam de um concurso, cujas regras já estão pré-definidas, não se negam, inicialmente, as condições de produção a que eles estiveram circunscritos. Igualmente não se nega a própria organização textual a que estão submetidos, considerando que as produções são resultado de uma sequência didática cuja orientação para a produção escrita ocorreu em 15 oficinas, envolvendo diferentes atividades. O texto produzido é, portanto, discursivo e enunciativamente marcado, mas isso não invalida a análise que pode ser realizada.

Na coletânea dos finalistas de 2016, estão reunidos 152 textos de diferentes gêneros. Em se considerando os textos de opinião, produzidos por estudantes do 2º e 3º anos do Ensino Médio, foram totalizados 38 artigos. Em separação por região do País, os textos estão assim distribuídos: Região Norte: 5, Nordeste: 12, Centro-Oeste: 4, Sudeste: 11 e Sul: 6. Tomamos para reflexão as escritas de estudantes da região sul do Brasil por ser também o local onde as pesquisadoras vivem e, conseqüentemente, conhecem mais de perto. O mapa a seguir indica a localização dos autores. Para a análise, foram selecionados os seis artigos produzidos por estudantes da região sul do Brasil, sendo dois artigos de cada um dos três estados.

Fig. 1: Mapa da região sul do Brasil com indicação do município onde reside autores finalistas da Olimpíada



Fonte: Organização das pesquisadoras.

Observa-se que os estudantes, autores finalistas de textos de opinião da região Sul, residem em municípios do interior dos seus estados.

Na coletânea, os organizadores apontam como etapas para elaborar os artigos: “observar o lugar onde vivem, identificar questão polêmica relevante sobre a qual não existe consenso, tomar conhecimento do que já foi dito a respeito dela, pesquisar fontes de informação, reconhecer e usar diferentes tipos de argumento para defender o seu ponto de vista.” (OLIMPÍADAS, 2016, p. 226).

Essas etapas, mais do que proposições de objetivos/metapas, podem configurar o processo de autoria, estabelecendo alguns critérios de análise. Assim, um primeiro aspecto a ser pontuado diz respeito à questão polêmica selecionada para posterior análise e apresentação de posicionamento. Essa escolha, em si, já pode revelar por onde anda o olhar do aluno escritor: quais aspectos de sua cidade que lhe são mais caros? O que ele pensa sobre a cidade em que mora? - “Do seu olho sou um olhar” (PEIRCE, 1995, p. 74) – os jovens podem, a partir dos textos produzidos, apresentar seus diferentes olhares sobre as mais diversas questões, ou sobre as mesmas questões – há, pois, um convite para que o estudante olhe para a sua cidade, para os dilemas que nela existem, selecione um e busque analisá-lo, falar sobre ele.

No que tange ao objetivo de tomar conhecimento do que já foi dito, recorrendo a fontes de informação, tem-se a provocação metodológica para que o estudante busque as diferentes vozes e posicionamentos sobre o assunto selecionado. Mais do que isso, que ele coloque os seus posicionamentos iniciais em diálogo com outros tantos que circulam. É nesse movimento dialógico que fica o convite para que ele, estudante, jovem, possa instituir a sua marca no discurso: concordando com algumas proposições, discordando de outras, até

apresentar o seu próprio posicionamento.

As marcas de autoria podem ser identificadas no ato de assumir uma certa posição discursiva, a partir das escolhas desses jovens, que envolvem suas crenças, valores éticos morais e até espirituais. Tem-se, portanto, traços de autoria que iniciam na própria seleção da questão a ser abordada e que passam pelos posicionamentos assumidos (não sem antes dialogar com as vozes divergentes e convergentes). Esse posicionamento pode ser identificado já nos títulos conferidos aos textos.

4.1.1 Títulos e posicionamentos: reflexões preliminares

Como os jovens se apresentam e se revelam? O que elegem, no lugar onde vivem, para mostrar? Como escrevem estes estudantes brasileiros que estão na etapa final da Educação Básica? Interessa-nos aqui pensar como se assumem como enunciadores, ou seja, sujeitos históricos datados, a partir de marcas que transparecem na escrita. O quadro 1 sintetiza os documentos selecionados para a reflexão, apresenta o nome do autor, o estado, a temática, o título do artigo

Quadro 1 – Informações sobre os artigos da categoria “Artigos de opinião” da região Sul do Brasil

Estado	Nome	Título do artigo/Autor/Página	Temas do artigo
Santa Catarina (SC)	Willian Mauricio Sozo	Pínus: o nosso pão de cada dia /p. 238	A importância do pínus para Ponte Alta do Norte. Equilíbrio econômico, ambiental e social
	Sandra Machado Limas	Um grito de socorro/ p. 240	Risco de fechamento de único hospital afeta Timbé do Sul. Saúde pública
Rio Grande do Sul (RS)	Bruna Rabusque Limberger	Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais? / p. 256	A prática de rodeios em Pantano Grande deve ser mantida? Abuso de animais. Tradição versus evolução de costumes
	José Augusto Somavilla	A semente do ouro/ p. 272	Vale manter a cultura da soja em Jacuizinho? Desigualdade social. Socioambientalismo.
Paraná (PR)	Crislaine Leticia Vereta	Faxinal: um futuro em xeque/ p. 278	Questões socioeconômicas ameaçam a vida do município de Faxinal do Salto. Tradição versus modernização
	Giovana Gomes Porn	Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão? / p. 280	Ocupação de fazenda pelo MST em Jardim Alegre. Reforma agrária. Desigualdade social

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas informações contidas nos textos da categoria “Artigo de opinião”, da Olimpíada de Língua Portuguesa 2016.

Em se tratando da temática “o lugar onde vivo” (‘do lugar de cada um o saber de todos nós’), os títulos dos artigos não só sinalizam que os jovens se atentaram para a temática geral, buscando problematizar aspecto atinente a sua região, como também buscaram apresentar o seu posicionamento. Títulos são, costumeiramente, considerados elementos de contextualização, pois perspectivam assuntos abordados e posicionamentos adotados. É exatamente isso que os títulos dos textos finalistas expressam. Para exemplificar, há dois títulos que foram organizados em formato de questionamento, de pergunta: Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão?” e “Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais?” O autor não fornece o seu posicionamento, mas provoca o leitor a já responder ao seu questionamento e a dialogar com o texto por ele produzido. Ou seja, o leitor, ao ser

questionado logo no título pelo enunciador, responde à questão formulada, e busca, no texto produzido, encontrar identificação com o seu próprio posicionamento (o do leitor).

“Pírus: o nosso pão de cada dia” e “Faxinal: um futuro em cheque” – demandam outra postura do leitor. O primeiro, ao apresentar de forma explícita o posicionamento frente à questão polêmica, convoca o interlocutor a aderir ou não tanto à tese quanto aos argumentos elencados. Ao conhecer previamente o posicionamento defendido, o leitor pode, inclusive, optar por não ler o texto, embora também possa, numa atitude de curiosidade responsiva, buscar entender como determinado autor defende tal ponto de vista.

Outros dois títulos “Um grito de socorro” e “A semente do ouro” podem ser considerados mais genéricos, até com traços metafóricos, e, nesse sentido, não há elementos suficientes nem para o interlocutor identificar de antemão a questão polêmica, nem o posicionamento assumido – o que poderá ser feito apenas com a leitura efetiva do texto. Porém, embora genéricos, são provocativos, havendo, inclusive, possibilidades de pressuposições a partir do título. Em “A semente do ouro”, o léxico “ouro” remete a algo de alto valor, portanto positivo (ouro em nossa sociedade é qualificador), enquanto que a palavra “grito” em “Um grito de socorro” aponta perlocutoriamente para um pedido de ajuda. O leitor precisará ler a totalidade dos textos para compreender o posicionamento e o percurso argumentativo traçado por esses autores, muito embora, como anteriormente referido, os títulos sejam chamativos, envolventes e até intrigantes. Em síntese, os títulos já dialogam com diferentes posicionamentos e remetem a atitudes responsivas.

4.1.2 Vozes discursivas e índices de autoria

Como anteriormente já identificado, nos Cadernos orientativos marcava-se a necessidade de o autor estabelecer relação (dialogar) com outros autores, com outros pensadores e pensamentos. Essa relação, como visto anteriormente, segundo Possenti (2002), constrói-se pela seleção vocabular, pelas avaliações e julgamentos feitos, pela memória coletiva. Obviamente as condições de produção devem ser consideradas, pois quem é que tem a autoridade para dizer o que diz? Quem é esse estudante que está escrevendo? Escreve com qual objetivo? Quer realmente ser ouvido? Quer manifestar sua opinião, ou está apenas cumprindo com as “tarefas” propostas pelo professor?

Não há respostas definitivas para alguns desses questionamentos, considerando que a análise se volta ao produto, bem como alguns dos registros do período efetivo de trabalho em sala de aula são feitos pelo professor titular (já que ele também participa da Olimpíada na categoria relato de experiência, caso o texto de seu aluno seja selecionado). Assim, os textos finalistas são a materialidade de um trabalho realizado/ conduzido, mas podem não expressar desejos, rejeições, negações, visto que a situação enunciativa é circunscrita àquilo que se espera, de certa forma, que seja produzido, a partir da realização das oficinas/ sequência didática. Na análise desse produto final e finalista, parece não haver lugar para resgate de negações e subversões.

Mesmo considerando essas restrições, identificamos, novamente, no quadro 2, o título do artigo e autoria, apresentamos a questão polêmica, o posicionamento assumido, os argumentos elencados e com quais vozes os autores dialogam, buscando apresentar essas diferentes vozes.

Quadro 2 – Processo argumentativo em “Artigos de opinião” da região Sul do Brasil

Título do artigo e autor	Questão polêmica	Posicionamento	Seleção de um argumento	Vozes de outros enunciadores
Pínus: o nosso pão de cada dia Willian Mauricio Sozo	Pínus como recurso para o desenvolvimento regional	Favorável à manutenção do setor madeireiro e extração do pínus.	Não se pode ignorar a contribuição do plantio do pínus para o desenvolvimento de Ponta Alta do Norte.	O pínus é visto como empecilho para o desenvolvimento municipal, visto não permitir o plantio de outras culturas.
Um grito de socorro Sandra Machado Limas	Fechamento do hospital de Timbé do Sul.	Contrário ao fechamento do único hospital da cidade.	O fechamento do hospital vai piorar o que já está ruim.	A cidade não tem recursos para sustentar o hospital. Casos mais graves podem ser transferidos para o município vizinho.
Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais? Bruna Rabusque Limberger	A prática de rodeios em Pantano Grande deve ser mantida? Tradição versus evolução de costumes.	Contrário à manutenção da tradição de rodeio com as provas campeiras (que se valem de animais)	Os animais, nessas provas, sofrem maus tratos.	Os rodeios fomentam a economia local, oportunizam o encontro das pessoas e são uma forma de preservar as tradições.
A semente do ouro José Augusto Somavilla	Manutenção do cultivo da soja	Contrário à manutenção do cultivo da soja	O cultivo da soja na região contempla apenas um seletivo grupo – o dos latifundiários.	São visíveis os benefícios trazidos pela soja.
Faxinal: um futuro em xeque Crislaine Leticia Vereta	Manutenção da área do faxinal na comunidade de Salto.	Favorável à manutenção de área de faxinal.	O faxinal pode ser visto como um centro histórico.	A intensa criação coletiva de animais restringe áreas de plantio.
Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão? Giovana Gomes Porn	Reforma agrária e assentamentos	Favorável à reforma agrária e assentamentos.	A reforma agrária é uma forma de combater a desigualdade social.	As manifestações dos integrantes do MST são equivocadas, com violência e destruição de propriedade

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras, com base na análise realizada nos textos selecionados, 2022

Os autores indicam o local onde vivem e a apresentam a questão problematizadora. Crislaine Leticia Vereta insere-se na localidade “**Faço** parte da pequena Rebouças”, atitude discursiva também assumida por Sandra Machado Limas “Com pouco mais de 5.000 habitantes, **minha** cidadezinha é bem tranquila[...]” e por Bruna Rabusque Limberger “A cidade **em que vivo**, Pantano Grande, [...]” (grifos nossos). Nessas produções, a atitude discursiva de pertencimento, marcada pelo emprego do pronome na primeira pessoa, confere ao próprio enunciador um grau de autoridade sobre o assunto, autorizando-o a dizer o que pensa, porque partícipe do lugar; porque vive o lugar e vive no lugar.

Essa proximidade, que pode gerar maior permissão para dizer o que lhe marca como sujeito não é manifesta tão somente pelo emprego do recurso linguístico do pronome na primeira pessoa do singular, é igualmente manifesta pelo conhecimento que os estudantes têm da sua história, da sua região e da história de sua região. Tanto isso se observa que José Augusto Somavilla, no seu artigo, “A semente do ouro”, vale-se do conhecimento compartilhado pela comunidade para discutir sobre a manutenção do cultivo da soja. Nesse caso, para tal, conduz os leitores a refletirem sobre a questão a partir do que diz o hino da sua cidade: “‘Nas encostas do rio, esperança, um novo lugar para se viver’. Assim diz o hino de

Jacuzinho” [...] banhado pelo rio que o nomeia, cujas águas, além da fertilidade, trazem inúmeras histórias”. Uma das histórias compartilhadas é a dos Monges Barbudos que se posicionavam contra o cultivo da soja.

José Augusto articula-se com essa ancestralidade, com essa tradição histórica e argumenta que realmente os benefícios trazidos pelo cultivo da soja (que são igualmente por ele apresentados) não são maiores do que os prejuízos, considerando que muitas famílias se veem obrigadas até a vender suas terras; que a cidade, ao apostar na monocultura, está expulsando várias famílias.

Essa igualmente é a construção adotada por Willian Mauricio Sozo, no seu artigo “Pínus, o nosso pão de cada dia”, já que o estudante apresenta Ponta Alta do Norte a partir de conhecimento histórico e econômico compartilhado “O município de Ponta Alta do Norte possui íntima relação com a madeira. O seu povoamento, por volta de 1924 [...]”.

Ao compartilharem das histórias de suas cidades, da forma de viver e de pensar do lugar, os autores aproximam o leitor, construindo um processo argumentativo que pode gerar maior adesão por parte de quem lê o texto.

O texto que mais difere dos anteriores na sua parte introdutória é o de Giovana Gomes Porn “Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão”, já que ela dedica o primeiro parágrafo para a apresentação da problemática da reforma agrária, deixando para o segundo a apresentação da sua cidade, que surge como um exemplo da problemática anunciada. O documento desloca-se, portanto, do universal para o particular: “A reforma agrária almeja uma distribuição de terras mais justa”. (primeiro parágrafo). “O Assentamento Oito de Abril, em Jardim Alegre, município paranaense, serve como exemplo nesse sentido”. (primeira frase do segundo parágrafo).

São, observadas, portanto, nas produções finalistas, duas formas de os autores se colocarem no texto na parte introdutória: trazendo problemática singular do lugar onde vivem - atitude assumida por cinco autores –, ou apresentando questões mais universais e as analisando em situação específica, qual seja, o local onde vive – atitude assumida por Giovana Gomes Porn.

4.1.3 Desenho argumentativo e autoria

Na costura tecida para a formação de sentidos, o jogo de vozes mostra-se qualificador do processo argumentativo e igualmente apresenta-se como marca de autoria e de reflexão sobre realidades vividas e vivenciadas.

Tanto é assim que as dificuldades de sobrevivência de um faxinal no município de Rebouças são focalizadas por Crisleine Letícia Verenta. Giovana Gomes Porn toma a terra como motivo de reflexão e discute sobre a concentração do bem nas mãos de poucos, questionando sobre ações relativas à reforma agrária, ao afirmar que, além de dar a terra, é necessária a criação de “políticas públicas que proporcionem, aos pequenos produtores, condições de desenvolvimento e de produtividade.” (p. 281). Em “A semente de ouro”, José Augusto Somavilla discute sobre uma forma de ocupação do solo definida em Jacuzinho no início do século XX e que repercute até os dias atuais. A comunidade elegeu a monocultura da soja. Essa opção implica apagamento da policultura e da agricultura familiar. Dito de outra forma: “os pequenos agricultores, ‘esmagados pela monocultura’, arrendam ou vendem suas terras, resultando num grave problema que afeta o município: a falta de emprego.” (p. 272). A monocultura e seus efeitos também é tratada por Willian Maurício Sozo ao posicionar-se a respeito do plantio de pínus em Ponta Alta do Norte: “Agricultores são extremamente contrários a (sic) manutenção das florestas plantadas, visto que, as áreas destinadas ao cultivo

de feijão, milho e soja, por exemplo, apresentam menor proporção e são geralmente aquelas que sobram do reflorestamento.” (p. 238). O jovem ainda denuncia: “áreas próximas ou herdadas de plantações de pinus acabam ficando degradadas uma vez que essa cultura absorve os nutrientes do solo, dificultando o cultivo de outras espécies.” (p. 238).

Bruna Rabusque Limberg, ao discorrer sobre os rodeios crioulos como um “legado dos pampas”, alerta que a sociedade sofreu alterações significativas e deveria evoluir e buscar formas de diversão que não provoquem sofrimento de animais.

Sandra Machado Limas toma como cenário o hospital situado em espaço urbano e que atende moradores de diversas localidades: “o assunto é algo que atinge todos os moradores, não só da minha pequena cidade, mas de todos os lugares, torna-se uma questão de prioridade” (p. 241). A jovem denuncia a solução simplista de políticos: “o posto de saúde não terá condições de atender a todos e nem todos têm condições de se deslocar para cidades vizinhas, principalmente em casos de emergências [...]” (p. 241).

O quadro 3 sintetiza a configuração argumentativa de cada um dos textos selecionados:

Quadro 3 – Processo argumentativo presente nos artigos

Título	Tese	Desenho argumentativo	Conclusão
A semente do ouro José Augusto Somavilla	O cultivo da soja não é benéfico para o desenvolvimento municipal	01) Conta a história que os Monges Barbudos afirmavam que a soja poderia trazer dinheiro, mas que era prejudicial para o ambiente. 02) Observa-se que o plantio da soja gera benefícios ao município (saúde, educação). PORÉM 03) A soja promove a existência de latifúndios em detrimento da agricultura familiar – o que gera (a) êxodo rural; (b) condições inapropriadas de trabalho no próprio município e (c) degradação ambiental.	A soja traz mais malefícios do que benefícios, como já diziam os Monges Barbudos.
Um grito de socorro Sandra Machado Limas	O hospital de Timbé do Sul não pode ser fechado.	01) A manutenção de um hospital na cidade é onerosa. PORÉM 02) A população precisa de atendimento médico-hospitalar, além de nem sempre ter condições de se deslocar para outros municípios. 03) O hospital emprega moradores da cidade, ou seja, o impacto é também financeiro.	O hospital de Timbé do Sul não pode ser fechado.
Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais? Bruna Rabusque Limberger	Outros costumes podem ser incentivados em Pantano Grande que não os rodeios crioulos.	01) O município se caracteriza pela vivência dos costumes da cultura gaúcha. Os rodeios são uma forma de manter a tradição gaúcha. PORÉM 02) Os animais sofrem maus tratos nesses rodeios,	Há outras formas de perpetuar as tradições gaúchas que não gerem sofrimento aos animais.
Pínus: o nosso pão de cada dia. Willian Mauricio Sozo	O pínus é quem garante o sustento de grande parte das famílias de Ponte Alta do Norte.	01) O pínus é o propulsor do desenvolvimento da cidade PORÉM: 02) Ocupa áreas que anteriormente eram da vegetação nativa da Mata Atlântica;	O pínus garante o sustento do município. Então Aliar ao potencial madeireiro uma

		<p>2.1) ocupa áreas que poderiam ser destinadas ao cultivo de outras culturas;</p> <p>2.2) absorve nutrientes do solo, dificultando o cultivo de outras espécies.</p> <p style="text-align: center;">APESAR DE TUDO ISSO,</p> <p>03) é do setor das serrarias e laminados que sai o sustento da população e o movimento do comércio</p> <p>3.1) não é apenas essa monocultura que é prejudicial ao solo e ao meio ambiente.</p>	gestão pública comprometida.
<p>Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão? Giovana Gomes Porn</p>	<p>A reforma agrária é necessária para combater as desigualdades sociais.</p>	<p>01) O assentamento de Jardim Alegre (município em que mora o autor) é um exemplo de assentamento que deu certo.</p> <p>02) Há uma injustiça histórica que deve ser corrigida, já que a distribuição de terras não foi adequada - capitâneas hereditárias</p> <p style="text-align: center;">PORÉM</p> <p>03) A mídia manipula e distorce fatos para defender interesses de uma elite</p>	<p>O poder público precisa elaborar políticas públicas para aqueles que vivem em assentamentos</p>
<p>Faxinal: um futuro em xeque Crislaine Leticia Vereta</p>	<p>Os faxinais devem permanecer, sendo vistos como um centro histórico.</p>	<p>01) A região do faxinal restringe áreas de plantio que gerariam maior renda individual.</p> <p>02) Durante os meses de julho, agosto e setembro, há menos trabalho ocorrendo maior pressão por parte dos latifundiários de invasão das terras do faxinal.</p> <p>03) Faltam verbas para a preservação do faxinal</p> <p style="text-align: center;">PORÉM</p> <p>04) O faxinal é um lugar histórico que precisa ser preservado.</p>	<p>A conservação do faxinal requer conscientização do público mais jovem e investimento do poder público municipal.</p>

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras (2022)

A inserção da voz do outro, como qualificadora do processo argumentativo, está presente na escrita dos finalistas selecionados – e isso não é por acaso, já que há um tópico sobre esse aspecto no manual orientativo do professor. A questão que se impõe, portanto, diz respeito a “como” essa voz é organizada pelo aluno escritor e o quanto é indicial de autoria.

Em “A semente do ouro”, além dos aspectos já citados, há de se considerar a quantidade de outros argumentos (que não apenas o êxodo) para sustentar a tese de que a soja não deveria ser o único produto a ser cultivado no solo da cidade de Jacuizinho: concentração de terras nas mãos de poucos (apresentando uma relação de causa/consequência); pouco trabalho na cidade (e a exploração daí advinda); drenagem dos rios, comparação com outras cidades. Enfim, a série de argumentos ajuda a endossar a tese de que a monocultura da soja não faz bem ao município, mesmo que assim inicialmente se veja.

Na problematização construída por Sandra Machado Limas sobre o fechamento do único hospital da cidade, as vozes das autoridades do município (prefeito e secretário de saúde) surgem como contra-argumento àqueles que defendem a manutenção do hospital: “[...] **o secretário da Saúde**, juntamente com o **prefeito** afirmaram (sic) que o município é de baixa renda e que disponibilizariam as ambulâncias para transportar os pacientes em situação mais grave [...]”. Embora sejam posições de quem conhece as entranhas da realidade político-administrativa, elas são questionadas/contestadas pela autora, que defende que os moradores

não podem mais ficar calados, além de afirmar que fechar o hospital não é o caminho: “[...] **Para mim**, o fechamento do hospital vai piorar o que já está ruim[...]”. Obviamente que nesse “para mim”, todo o coletivo se expressa. Há, portanto, uma contestação da postura institucional e aproximação com outras vozes que se expressam em instâncias não governamentais e com as quais a autora se aproxima. A conclusão reitera a tese anunciada.

Em “Rodeios crioulos: diversão do homem gaúcho ou sofrimento dos animais?”, a primeira voz que surge para exaltar a terra, os costumes e as tradições locais é a do escritor gaúcho Érico Veríssimo. À essa voz, outras são acrescentadas (Declaração de Curitiba e citação de Charles Darwin) para marcar a oposição – a de que os rodeios, apesar de perpetuarem uma tradição, devem ser proibidos, porque os animais são maltratados, ou seja, deve haver a substituição do “mote” da tradição – posto na conclusão. Na construção dessa linha argumentativa, algumas formas linguísticas marcam posicionamento assumido: “Sou gaúcha e **tenho orgulho** da minha cultura, **mas** não concordo com as provas campeiras, pelos **evidentes** maus tratos que sofrem os animais”. A autora se coloca como alguém que compartilha de uma série de elementos culturais, mas que não pode assumir um dos traços dessa tradição e justifica o seu posicionamento. Conversa com o leitor, coloca-se junto a ele em quase todas as marcas da tradição, menos em uma – o de maus tratos - sobre o qual expõe seus argumentos. E, ao assim proceder, consegue maior adesão do leitor, pois ela não desqualifica todos os elementos da tradição, já que essa tradição é expressão da comunidade. A escritora nega sua adesão a apenas um desses traços, as provas campeiras, e justifica o seu posicionamento: em virtude de os animais sofrerem maus tratos.

O autor de “Pínus: o pão nosso de cada dia”, na linha argumentativa traçada, reforça, inicialmente, uma voz coletiva já balizada: “O problema é que o pínus [...] ocupa áreas antes ocupadas pela vegetação nativa da Mata Atlântica[...] é visto como empecilho para o desenvolvimento do município[...] Agricultores são extremamente contrários a (sic) manutenção das florestas plantadas[...]”. Porém, posteriormente, apresenta dados estatísticos para estabelecer oposição a esse mesmo coletivo anteriormente apresentado: “No ano de 2014, [...] 46% do dos empregos ativos no município eram originados de setores que possuem relação direta ou indireta com a madeira”. Na construção, os índices de autoria também aparecem de forma muito marcada em expressões como “com convicção”, “de forma alguma” e “ignorar”, como é possível observar no extrato que segue: “acredito, **com convicção**, que seja necessário buscar novas oportunidades de emprego [...]. **No entanto, de forma alguma** podemos **ignorar** que as florestas plantadas [...] sejam o impulso para o nosso desenvolvimento [...]” (grifos nossos). Na conclusão, não só reitera a sua tese, como também indica caminhos para resolução do conflito.

“Terra: instrumento de inclusão ou de exclusão” exemplifica como ocorreu o assentamento Oito de Abril, localizado no município da autora. Recupera percurso histórico para contar como surgiu o assentamento Oito de Abril e também para justificar o porquê da importância da ação: “percebemos assim um exemplo de que o acesso à terra pode contribuir para diminuir desigualdades, implantadas historicamente”. Outras vozes se unem a dela: integrantes do MST como João Pedro Stédile. Apresenta posições contrárias, porém de forma mais sutil (o que pode ser considerado também, na seleção vocabular, como recurso argumentativo): “**há quem** diga que as manifestações do MST são equivocadas. Ou seja, no entrelaçamento de vozes, tem-se a força de um movimento, nomeado – MST - em oposição a um genérico “**há quem** diga”. Considerando os efeitos de sentido dessa oposição, são marcados os índices autorais.

Por fim, em “Faxinal: um futuro em xeque”, as vozes empregadas na argumentação parecem ser mais gerais. A marcação mais explícita se dá quando a autora cita o professor pesquisador Jey Marinho de Albuquerque, que estuda a comunidade há tempos (e é esse tempo de pesquisador e sua qualificação acadêmica que autorizam o seu dizer): “Segundo o professor [...] o faxinal deve continuar existindo, mas reconhece a necessidade de dinamismo

[...]”. A voz de Crislaine, moradora do local, também aparece quando, por exemplo, relata: “Para identificá-los (os animais), o dono faz uma marca que apenas ele reconhece, sendo furos ou cortes característicos na orelha”. Quem pode dizer tão bem sobre os costumes de sua cidade, a não ser o morador local? As vozes destacadas no texto, todas, pertencem à comunidade em que o tema polêmico é abordado. Talvez seja por isso que o texto encerre ainda com questionamento “Será que este é o começo do fim?”. A autora lista alternativas para que assim não o seja.

Observamos, pois, que fios argumentativos são tecidos pela inserção de diferentes vozes, que potencializam a voz do autor. O leitor tende a dialogar com o texto, que se mostra autorial. Esse recurso possibilita que o jovem diga o que quer dizer, da forma como quer dizer. Em todos os textos, há, ou reiterações de posicionamentos, ou, mais ainda, propostas de solução para a problemática tratada. Alguns, inclusive, fazem-no empregando léxico que marca de forma mais assertiva as teses defendidas. É o adolescente - assumindo-se escritor - desde que a ele sejam dadas condições para se expressar.

Considerações finais

A possibilidade de escrever sobre o lugar onde vive pode ser uma oportunidade para o jovem se posicionar acerca de algumas questões que rondam o seu entorno. Por vezes, há um desencontro entre o que a escola pode proporcionar aos seus estudantes e aquilo que eles e suas famílias buscam. Talvez seja mais evidente, no caso do Ensino Médio brasileiro, o desencontro do jovem com sua escolarização. Contudo, os artigos produzidos colocam os estudantes na posição de sujeitos sociais que se valem de uma prática educacional para olhar o seu entorno e revelá-lo. Obviamente esse é um espaço que traz consigo muitas contradições, mas a Olimpíada pode expandir tanto o conhecimento do professor sobre como ensinar o aluno a escrever, quanto o do próprio estudante, já que, ao ter acesso a algumas estratégias de escrita e ao compreender como se organiza um texto de opinião, ele estará qualificando o seu dizer.

A Olimpíada revela-se uma situação enunciativa bastante marcada, em que algumas vozes cirandeam, com diferentes objetivos. Não é um ato aleatório e isolado, é socialmente e ideologicamente marcado e isso não há como negar. A imposição dada pela temática, embora possa autoritariamente direcionar o olhar para determinados aspectos do cotidiano do estudante, igualmente permite que ele possa, ao olhar para o seu município, sentir-se um cidadão atuante, já que convidado a refletir sobre a sua realidade.

A proposta de escrita mobiliza os estudantes para pensar aspectos do lugar onde vivem, pois o ensino com base na mobilização permite a construção de variadas formas de os jovens relacionarem-se com o mundo e com o conhecimento construído ao longo da sua história e da História do lugar onde vivem. Nos artigos analisados, a atitude linguística marca o pertencimento ao lugar, e o enunciativo se insere na cena, no local sobre o qual fala – faz parte da comunidade, é um deles, vive o problema ou vive o município. Coloca-se como observador atento e, com protagonismo, conduz o leitor para essa mesma posição. Em síntese, a partir da provocação das Olimpíadas, jovens brasileiros debruçam-se sobre o entorno, percebem pontos que clamam por serem discutidos e, ao revelar o mundo como o percebem e pelo seu ponto de vista, tornam-se autores.

Porém, as atividades propostas, que buscam qualificar a produção escrita do estudante, são ideologicamente marcadas. O que se observa, a partir da análise apresentada, é que os estudantes, mesmo pertencentes a lugares diferentes dos três estados da região Sul, cada qual com suas especificidades, mesmo se autorizando a dizer sobre, elaboraram seus textos a partir de algumas estratégias que foram apresentadas nas oficinas. Se isso pode assinalar para um

tipo de formatação e engessamento do texto produzido pelo estudante, igualmente pode ser potencializador do seu dizer. A medida pode estar em outros textos a serem produzidos por esses mesmos sujeitos. Para tal, faz-se necessário estudos longitudinais, considerando outras escritas desses mesmos sujeitos que chegaram a ser finalistas de uma Olimpíada.

Referências

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 3ed. São Paulo, Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017.

Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Acesso em 12. Mar. 2022.

BERNARDIM, M. L.; SILVA, M. R. da. Juventude(s) e ensino médio: da inclusão escolar excludente aos jovens considerados nem-nem. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, Vol, 17 n° 4, Itajaí, out-dez 2017 (p. 688-709). DOI: <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v17n4.p688-704>

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA – CENPEC. Olimpíada de língua portuguesa: escrevendo o futuro: textos finalistas, São Paulo, 2016. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9766/textos-finalistas-2016-completo.pdf>.

Acesso em: 07 mar. 2022.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO COMUNITÁRIA – CENPEC. Olimpíada de língua portuguesa: escrevendo o futuro: caderno artigo de opinião. Disponível em

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/10738/caderno-artigo-de-opinioao.pdf>. Acesso

em 01 mar 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

FARACO, C. A. Autor e Autoria. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-60.

GAGLIARDI, E. **Pontos de vista**/ Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral – São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF:MEC, 2008.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, M. B. F. Das ideias linguísticas e suas contribuições ao conceito de autoria na produção textual de sala de aula: uma leitura de textos de M. Bakhtin. **Revista Investigações**, v. 19, n 2, 2006, p..143-155.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. 2. ed. SP: Perspectivas,1995.

POSSENTI, S. Índícios de autoria. **Perspectiva. Florianópolis**, v.20, nº 01, p. 105-124, jan./jun. 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10411/9677> Acesso em 31 jan. 2020.